



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

KÉDIMA COUTINHO DE OLIVEIRA

**APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA EM CONTEXTO DE PRÁTICAS
SOCIAIS: COMO ALFABETIZAR AS CRIANÇAS DE MODO QUE FAÇA
SENTIDO PARA ELAS?**

Florianópolis
2017

KÉDIMA COUTINHO DE OLIVEIRA

**APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA EM CONTEXTO DE PRÁTICAS
SOCIAIS: COMO ALFABETIZAR AS CRIANÇAS DE MODO QUE FAÇA
SENTIDO PARA ELAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso
da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requerimento
parcial para obtenção do grau de
licenciatura em Pedagogia.
Orientadora: Profa. Dra. Maria
Aparecida Lapa de Aguiar.

Florianópolis

Kédima Coutinho de Oliveira

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Kédima Coutinho de
APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA EM CONTEXTO DE
PRÁTICAS SOCIAIS: : COMO ALFABETIZAR AS CRIANÇAS DE
MODO QUE FAÇA SENTIDO PARA ELAS? / Kédima Coutinho
de Oliveira ; orientadora, Maria Aparecida Lapa de
Aguiar, 2017.
44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Alfabetização. 3. Letramento. 4.
Criança. 5. Ensino. I. Aguiar, Maria Aparecida Lapa
de . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Pedagogia. III. Título.

**APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA EM CONTEXTO DE PRÁTICAS
SOCIAIS: COMO ALFABETIZAR AS CRIANÇAS DE MODO QUE FAÇA
SENTIDO PARA ELAS?**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e adequado para a obtenção do título de “Licenciado em Pedagogia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 27 de junho de 2017.

Profa. Dra. Patrícia Laura Torriglia

Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Aparecida Lapa de Aguiar - Orientadora

(EED/CED/UFSC)

Profa. Dra. Luciane Maria Schlindwein - Examinadora

(MEN/CED/UFSC)

Profa. Márcia de Souza Hobold - Examinadora

(MEN/CED/UFSC)

Profa. Dra. Gilka Elvira Girardello - Suplente

(MEN/CED/UFSC)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me guardado, abençoado e permitido que eu chegasse até o presente momento.

Agradeço ao apoio e amor incondicional dos meus pais, seus conselhos com certeza ajudaram a iluminar meu caminho.

Agradeço ao meu grande amor Guilherme Luis, por ter ficado ao meu lado nas horas mais difíceis, por me ouvir e me ajudar a tomar as melhores decisões. Seu incentivo e carinho me tornou uma pessoa melhor.

Agradeço aos meus irmãos Keila e Felipe por serem tão maravilhosos e companheiros.

Agradeço a todos os professores do curso de Pedagogia que contribuíram para minha formação.

Agradeço à minha orientadora Maria Aparecida por ter aceitado me orientar, por ter se disponibilizado a me atender, por todos os ensinamentos, conselhos e por não ter desistido de mim.

Agradeço às meninas da turma 308, que por motivos pessoais não pude me formar junto com elas, mas sempre será a minha turma. Os momentos que passei com vocês contribuíram não só para minha formação profissional como também humana.

Por fim, agradeço aos membros da banca que aceitaram participar deste momento tão decisivo da minha formação.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.
(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho é decorrente de indagações surgidas durante a formação acadêmica que instigaram essa pesquisa voltada para o campo da alfabetização e que tem como objetivo geral: compreender como o trabalho pedagógico na alfabetização em contexto de práticas sociais de leitura e escrita pode se tornar significativo para a criança. Como objetivos específicos delineiam-se os seguintes: refletir sobre a formação no curso de pedagogia e sua contribuição para a formação do alfabetizador e especificar em que consiste o trabalho do professor alfabetizador e como alfabetizar/letrar a criança de forma que faça sentido para ela. Para tanto, organizou-se em um primeiro momento uma breve reflexão sobre a formação no curso de Pedagogia recorrendo à memória, aos registros e ao vivido durante o processo de estágio. Em um segundo momento, buscou-se aprofundar os conceitos de alfabetização e letramento, trazendo para a discussão o que é alfabetizar em contextos de práticas sociais de leitura e escrita, na intenção de apresentar possibilidades metodológicas que possam contribuir para dar sentido aos processos de alfabetização das crianças. Concluiu-se que ao longo de décadas a alfabetização vem sendo discutida, diversos métodos foram criados e muitas críticas foram feitas acerca dos diferentes modos de se alfabetizar as crianças. Faz-se necessário compreender que método é um caminho com várias possibilidades, que precisa ser visto sob vários ângulos que envolvem o processo de alfabetizar. Questões linguísticas, interacionais e socioculturais precisam ser consideradas. Só iremos alcançar nossa finalidade se iniciarmos nosso trabalho com as práticas de leitura e escrita, partindo das crianças e do que faz sentido para elas.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Criança. Ensino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
1.1 OBJETIVOS.....	07
1.1.1 Objetivo Geral.....	07
1.1.2 Objetivo Específico.....	07
1.2 METODOLOGIA.....	07
2 REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO ALFABETIZADOR.....	09
3 A ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS.....	16
3.1 O SURGIMENTO DOS CONCEITOS ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	16
3.2 A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO.....	20
3.3 ALGUMAS METODOLOGIAS QUE O PROFESSOR PODE UTILIZAR A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

A escolha de fazer esta pesquisa voltada para a alfabetização teve início durante uma aula na disciplina Língua Portuguesa e Ensino na 6ª fase do curso de Pedagogia, quando a professora da disciplina questionou para a turma como nós iniciariamos nosso trabalho pedagógico se fôssemos selecionadas para atuar com o 1º ano do Ensino Fundamental. A sala ficou quieta, algumas pessoas, inclusive eu, ficaram espantadas e não souberam responder.

Sabendo que o curso de Pedagogia forma professores para a educação infantil e anos iniciais e que é este curso que nos possibilita sermos professoras alfabetizadoras, é possível afirmar que apesar de toda a bagagem teórica apresentada ao longo do curso, nos dá a impressão de que nossa formação não contempla suficientemente aspectos teórico-metodológicos para nos sentirmos seguras em trabalhar no 1º ciclo do Ensino Fundamental.

Apesar de reconhecermos a importância dos conhecimentos teóricos que adquirimos ao longo do curso, ainda assim, pensamos ser importante existir uma discussão maior em torno de aspectos metodológicos, uma discussão que nos possibilite ter uma compreensão maior de como estabelecer a relação na prática do que aprendemos nas reflexões teóricas.

Analisando o currículo do curso de Pedagogia da UFSC, podemos encontrar dentre as 49 disciplinas obrigatórias, apenas quatro disciplinas do eixo da linguagem escrita, são elas: Linguagem Escrita e Criança (3ª fase), Alfabetização (4ª fase), Literatura e Infância (5ª fase) e Língua Portuguesa e Ensino (6ª fase). Sabendo-se que a linguagem escrita é trabalhada com os acadêmicos do curso durante quatro semestres, um dos questionamentos que pretendemos discutir ao longo deste trabalho é a importância de uma reflexão mais aprofundada sobre este eixo, e o quanto estas disciplinas contribuem na formação de professores alfabetizadores.

Ao longo do curso foram fornecidas algumas disciplinas não obrigatórias e algumas modalidades de Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos (NADE) que contemplam o eixo da linguagem escrita. Dentre estas disciplinas, pude participar do NADE – Alfabetização na Perspectiva do Letramento, ministrada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Lapa de Aguiar, em que foi possível aprender mais sobre a alfabetização e o letramento, sua importância e algumas formas de se trabalhar numa sala de alfabetização.

Nas discussões feitas em sala e a partir dos textos lidos para o NADE, pude aprofundar meu entendimento a respeito dos conceitos de alfabetização e letramento, dois conceitos interdependentes e indissociáveis. Assim, podemos afirmar que são conceitos que possuem especificidades, mas que devem ser pensados de maneira articulada. Enquanto o conceito de alfabetização está relacionado à apropriação do sistema convencional de escrita, o conceito de letramento refere-se ao desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. E ambos os conceitos devem ser trabalhados juntos, para que haja uma melhor aprendizagem por parte do e estudante. Desta forma, torna-se importante defendermos que a alfabetização de crianças inseridas no ensino fundamental seja trabalhada na perspectiva do letramento, dentro de um contexto e de forma que faça sentido para elas (SOARES, 2003).

Sabendo disso, no 8º semestre do curso iniciei o estágio obrigatório na disciplina Educação e Infância VIII: Exercício da Docência nos anos Iniciais, em que finalmente poderia vivenciar na prática algumas possibilidades metodológicas à luz dos conhecimentos teóricos que adquiri ao longo do curso até aquele momento.

Nas primeiras semanas de aula da disciplina, as professoras ministrantes fizeram alguns encaminhamentos que viriam a nos ajudar durante o período de vivência dentro da escola, assim como também propuseram leitura de textos e discussões em sala.

Depois de algumas semanas fomos até a escola conhecer sua estrutura física, seu corpo docente, sua gestão, sua organização e as crianças. Tratava-se de uma escola de grande porte da rede municipal de Florianópolis e com uma boa estrutura física.

Conforme cada dupla escolheu, eu e minha colega decidimos ficar na turma do 1º ano do Ensino Fundamental e ali iniciamos nossa observação para, posteriormente, exercermos a docência.

Durante o período de observação constatamos que a turma era formada por 19 crianças, com idades entre 6 e 7 anos. Dentre essas crianças, 5 eram meninas e 14 meninos, sendo um diagnosticado com autismo.

Nas três semanas de observação pudemos conhecer a turma e saber que as crianças que a compunha adoravam conversar, brincar, sair da sala, que também eram muito curiosas e com desejo de aprender. Pudemos observar também que poucas crianças estavam alfabetizadas e que o sistema de ensino adotado pela professora regente da sala era em moldes tradicionais e por esta razão, muitas vezes, as crianças nem sempre se sentiam motivadas a participar das aulas.

Compreendendo a importância de um ensino significativo para as crianças, eu e minha colega de estágio nos prontificamos a elaborar nosso planejamento. Buscamos em diversos meios, atividades que as crianças pudessem gostar e ao apresentarmos o nosso planejamento para nossa professora orientadora do estágio, tivemos algumas críticas porque nossas proposições não estavam devidamente articuladas e talvez não fizessem sentido para as crianças.

Mesmo compreendendo a importância de alfabetizar as crianças em contexto de práticas sociais de leitura e escrita, tivemos dificuldades de efetivar na prática as nossas concepções. É pensando nisso que nesse trabalho buscamos refletir sobre como alfabetizar as crianças de forma que faça sentido para elas e por onde devemos começar?

Neste contexto, apresentamos os objetivos e a metodologia de nossa pesquisa:

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral:

- Compreender como o trabalho pedagógico na alfabetização em contexto de práticas sociais de leitura e escrita pode se tornar significativo para a criança.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- Refletir sobre a formação no curso de pedagogia e sua contribuição para a formação do alfabetizador.
- Especificar em que consiste o trabalho do professor alfabetizador e como alfabetizar/letrar a criança de forma que faça sentido para ela.

1.2 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, a metodologia utilizada é de caráter bibliográfico e documental, pois, nas palavras de Gil (1991, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, para responder a pergunta norteadora deste trabalho “como alfabetizar as crianças de forma que faça sentido para

elas?” e outras questões relacionadas à aprendizagem de crianças em processo de alfabetização, fizemos uso das contribuições de diferentes produções científicas.

Por possuir citações retiradas do relatório final da disciplina Educação e Infância VIII: Exercício da Docência nos anos Iniciais, esta pesquisa torna-se também de caráter documental, que muito se parece com a pesquisa bibliográfica, pois seguem os mesmos passos. Porém, podemos afirmar que:

A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 1991, p. 45).

Quanto à sua organização, este trabalho inicia-se com a introdução, em que será apresentado o tema e como se deu sua escolha e qual foi a pergunta norteadora da pesquisa. O primeiro capítulo tem como título: “Reflexões sobre o curso de Pedagogia e sua contribuição para a formação do alfabetizador”. E o segundo capítulo chama-se “A alfabetização no contexto das práticas sociais”, subdividindo-se em três partes: “O surgimento dos conceitos alfabetização e letramento”, “A alfabetização na perspectiva do letramento” e “Algumas metodologias que o professor pode utilizar para favorecer a aprendizagem das crianças”.

Por fim, concluímos a pesquisa com as considerações finais seguida das referências.

2 REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO ALFABETIZADOR

O curso de Pedagogia da UFSC tem duração de quatro anos e meio e se organiza em três eixos básicos: educação e infância, organização dos processos educativos e pesquisa.

A partir de 2009 com a reforma curricular, reafirmou-se a docência como base da formação. Desta maneira, o objetivo do curso passou a ser formar profissionais para atuar na Educação Infantil e Anos Iniciais e também formar profissionais capacitados a trabalhar na organização, coordenação e gestão de instituições educacionais.

É importante ressaltar que o projeto pedagógico do curso foi elaborado coletivamente e a partir de amplo processo de discussões envolvendo todos os segmentos do curso, visando uma formação de melhor qualidade ao professor, assim:

O Projeto ora apresentado é, portanto, a síntese de um processo coletivo de elaboração de uma proposta de formação de professores explicitada no compromisso do Curso de Pedagogia com a escola pública de qualidade e democrática. Tem a docência como princípio e considera o professor como sujeito histórico que deve dominar as bases epistemológicas de seu campo específico de atuação, dos conhecimentos pedagógicos que com estes se relacionam, compreendendo as bases e métodos que os constituem. (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA, 2009, p.3)

Fazendo uma breve leitura do projeto pedagógico do curso de Pedagogia da UFSC, podemos constatar que um dos objetivos da reforma curricular era evitar o “alargamento” e fragmentação do curso, que antes era organizado em habilitações. Assim, ao repensar o currículo, optou-se por uma formação “densa”, que se centrasse na formação para docência dos Anos Iniciais e Educação Infantil.

Apesar de o Projeto Pedagógico do Curso afirmar que o foco da formação é para docência nos Anos Iniciais e Educação Infantil, ao observar o currículo do curso e vivenciá-lo na condição de estudante é possível inferir que, ainda assim, as discussões sobre Educação Infantil parecem ter predominância em relação aos Anos Iniciais.

Ainda que possamos afirmar que a Educação Infantil é privilegiada no eixo Educação e Infância, não podemos negar que estas disciplinas também contribuem para a formação do professor alfabetizador, uma vez que elas tratam de importantes reflexões e conceitos como:

Criança e Infância: conceitos e delimitação de campos de estudos. Construção social da infância e determinações sócio-histórico. Função social das instituições educativas voltadas para a infância: creche; pré-escola e ensino fundamental. (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA, 2009, p.2)

Assim como as disciplinas do eixo Educação e Infância, as disciplinas metodológicas, mesmo que não sejam do eixo das linguagens, também contribuem para a formação do professor alfabetizador, uma vez que estas disciplinas nos possibilitam refletirmos sobre o trabalho interdisciplinar nos Anos Iniciais, assim como nos dá referências metodológicas de como trabalhar neste nível de escolarização.

Sabendo-se que ao terminar a formação acadêmica muitos licenciados em Pedagogia irão iniciar sua carreira docente no 1º ciclo do ensino fundamental, acreditamos ser necessário refletir sobre a formação destes acadêmicos, futuros professores, pois apesar de as disciplinas fornecidas pelo curso contribuírem para a formação de uma concepção de criança, educação, escola, ter uma visão crítica e nos permitir pesquisar a respeito de diferentes teorias relacionadas a educação e a criança, o curso ainda não contempla suficientemente toda a bagagem teórico-metodológica para que seus acadêmicos sintam-se realmente seguros a praticar a docência neste ciclo de escolarização.

Tendo a alfabetização como o principal eixo do 1º ciclo do ensino fundamental, pensamos ser importante refletirmos a forma como o currículo do curso está organizado, de modo que em todo seu percurso exista apenas quatro disciplinas da área de linguagem e que estas disciplinas compõe a base para a formação de professores alfabetizadores.

Ao longo do curso, e antes do período de práticas de docência, são possibilitadas às acadêmicas experiências dentro de instituições de educação infantil e dentro de escolas. Nestas experiências é possível que as acadêmicas conheçam a estrutura destas instituições, sua organização, sua gestão, é possível também observar de forma rápida o trabalho dos docentes, como as salas são organizadas, como as crianças vivenciam as experiências dentro da sala e suas relações, ou seja, durante estas visitas a instituições de ensino para crianças, as acadêmicas podem se tornar mais próximas a este ambiente, conhecendo melhor sua rotina e se familiarizando com este local, possível ambiente de trabalho depois de se formar. É importante salientar que estas intervenções não são obrigatórias, e que dependendo das condições da turma, dependendo do professor que está ministrando a disciplina, ou de como está o andamento das aulas, estas intervenções

podem não acontecer, possibilitando que uma turma obtenha mais experiências que a outra.

Apesar destas intervenções contribuírem para nossa formação, por serem realizadas em um curto período de tempo, uma tarde ou até mesmo durante uma semana, elas acabam não contemplando toda a experiência necessária para que nos sintamos seguras em propor um trabalho pedagógico.

Ao retornarmos para a universidade, é fundamental destacarmos a importância das rodas de conversa feitas em sala para podermos refletir sobre o trabalho pedagógico e para expor nossas experiências, o que aprendemos, o que gostamos, em que momento sentimos mais dificuldades e quais dúvidas haviam surgido a partir daquela experiência.

Estes momentos permitiram que pensássemos e compreendêssemos melhor como as disciplinas Educação e Infância VII: Estágio em Educação Infantil e Educação e Infância VIII: Exercício da Docência nos anos Iniciais seriam, ajudando a diminuir nossa ansiedade pela chegada destas disciplinas.

Salientamos que os objetivos destas intervenções eram diferentes a cada disciplina, uma vez que deveríamos respeitar o planejamento e a intencionalidade de cada professor.

Ao chegar no 8º semestre do curso, iniciaram-se as aulas na disciplina Educação e Infância VIII – Exercício da Docência nos Anos Iniciais, e no semestre em que realizei meu estágio, esta disciplina foi ministrada por duas professoras. Durante as primeiras semanas de aula tivemos aulas teóricas nas quais fizemos leitura de textos que mais tarde contribuiriam para nossa entrada na escola, nossa observação, planejamento e registro final.

Antes de termos nosso primeiro contato com a escola, algumas oficinas foram ofertadas para nos ajudar a pensar o planejamento e refletir sobre algumas possibilidades e proposições.

Em nosso primeiro contato com a instituição de ensino, onde colocaríamos em prática o que tínhamos aprendido ao longo do curso, fomos recebidos pela diretora da escola que apresentou por meio de *slides* a organização da escola de maneira geral: a gestão, a estrutura física, o quadro de funcionários e também entregou para cada estagiário uma pasta com as normas, horários de aulas e outras orientações.

As três semanas seguintes foram destinadas à observação, uma importante ferramenta pedagógica, com a qual pudemos conhecer mais sobre a escola e sua estrutura física e técnica, sobre a sala de aula e sua organização, sobre a professora e seu

trabalho e sobre as crianças e suas potencialidades.

Durante estas três semanas de observação, estivemos dentro da sala de aula realizando uma observação participativa. Nesta perspectiva, eu e minha colega utilizamos este período não só para observar tudo o que acontecia dentro da sala, como também tivemos a oportunidade de contribuir para o trabalho da professora regente, podendo ajudá-la quando necessário, assim como defende Freire a respeito do estagiário:

Ele não faz intervenções nem devoluções para o grupo porque não é o educador do grupo. Sua participação se dá em outro nível. Como também, poderá haver certas atividades onde sua participação com intervenções seja planejada anteriormente. (FREIRE, 1996, p.4)

Dessa forma, foi possível conhecer melhor a professora regente da turma, uma professora que afirmava ter muitos anos de experiência na área da educação, mas que infelizmente organizava seu trabalho sem levar em conta os conhecimentos prévios das crianças e suas especificidades, que não lhes dava muita voz e nem vez, impossibilitando a elaboração de uma aula com sentido e interessante para as crianças.

Eu e minha colega de estágio, escolhemos ficar no 1º ano do Ensino Fundamental, uma turma pequena de 20 crianças com idades entre 6 e 7 anos. Destas 20 crianças, 5 eram meninas e 14 eram meninos, sendo um diagnosticado com autismo. Como colocamos em nosso relatório:

Pudemos observar durante as três semanas de vivência que se trata de uma turma que gosta de conversar, brincar, sair da sala, muito curiosa, e com desejo de aprender. Outro fato pertinente a ser citado é a interação entre as crianças, pois enquanto algumas crianças são calmas, outras são bastante agitadas, podendo até ser agressivas. Já em relação à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, poucas crianças estão alfabetizadas, enquanto a grande maioria da turma ainda não sabe ler nem escrever autonomamente. (FISTAROL e OLIVEIRA, 2016, p.1)

Durante o período em que estivemos dentro da sala com as crianças, notamos que muitas vezes o que pode ser julgado como mau comportamento das crianças, brincadeiras fora de hora, na perspectiva da professora, e conversas fora do contexto da aula, estava relacionado ao desinteresse em participar das aulas, uma vez que a professora regente da turma não propunha atividades envolventes e com sentido para elas.

Percebemos que a professora planejava suas aulas com base em atividades tiradas da internet e impressas, ao observar isto, eu e minha colega de estágio sabíamos que em nosso planejamento deveríamos propor atividades diversificadas para as crianças nas quais elas tivessem interesse em participar das aulas e que contribuísse significativamente para a aprendizagem delas.

Outra questão que julgamos importante repensarmos foi a organização da sala, pois apesar de a professora regente sempre organizar a sala em fileiras, nós decidimos organizar a sala em círculo para que todas as crianças pudessem interagir e manter contato visual com o restante da turma.

A partir das observações feitas, ao final de todos os dias fazíamos o registro dos momentos que julgávamos mais importantes. Este processo de observar e registrar nos possibilitou exercitarmos não só a nossa escrita, como também nosso olhar sobre as práticas pedagógicas e a cultura infantil. Desta maneira,

Este aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Neste sentido o olhar e a escuta envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa. (FREIRE, 1996, p.2)

Assim como a observação, o registro é de extrema importância, pois ao registrarmos um fato que julgamos pertinente, construímos uma memória que pode ser constantemente lembrada e analisada, contribuindo para a reflexão no processo de produção de conhecimento e planejamento.

Estas duas ferramentas metodológicas nos fizeram refletir sobre o papel da escola, o papel do professor e com qual concepção de criança e educação nos deparamos ao entrarmos na escola.

Mesmo com tantos estudos sendo realizados, com toda tecnologia criada para facilitar a pesquisa e possibilitar que todos tenham acesso ao conhecimento, ainda assim, presenciamos momentos que nos impactaram negativamente, quando por exemplo, o fato de a professora elevar a voz constantemente, propor atividades que não faziam muito sentido para as crianças, não se dispor a utilizar diferentes espaços da escola e não contemplar as experiências das crianças. Estes e outros momentos nos fizeram repensar sobre a educação e como o processo pedagógico ainda está organizado de forma fragmentada e destituído de sentido.

Pensando em contribuir para a aprendizagem das crianças, eu e minha colega pesquisamos em diversos meios, possibilidades de fazermos o nosso planejamento de forma coerente e interdisciplinar. Com a intenção de trabalhar a alfabetização na perspectiva do letramento, eu e minha colega de estágio encontramos inúmeras atividades que poderíamos estar propondo para as crianças. Após selecionarmos as proposições que julgamos mais interessantes, nós elaboramos nosso planejamento para duas semanas de docência.

Depois de pronto, encaminhamos nosso planejamento para a professora corrigir e apontar o que poderia ser melhorado. E foi neste processo que tivemos o impacto de que nosso planejamento estava fragmentado, sem sentido, e que mais se parecia com uma simples lista de atividades. Ficamos decepcionadas com nosso desempenho, e a partir deste momento iniciamos uma reflexão sobre o que era a alfabetização no contexto do letramento e como trabalhar com esta perspectiva. Será que até o presente momento nós tínhamos uma concepção deturpada do que significam estes conceitos? Será que estávamos recriando as ações da professora regente das crianças? Por que mesmo sabendo que a alfabetização deve se desenvolver num contexto de letramento não conseguimos elaborar um planejamento coerente?

Estas foram questões que surgiram ao tentarmos reorganizar nosso planejamento e que permearam em nossa mente até o presente momento.

Com a ocorrência de uma greve por parte dos funcionários públicos da prefeitura de Florianópolis, nosso tempo de docência foi reduzido a somente uma semana, fazendo com que todos nós reformulássemos nossos planejamentos. Ainda que a versão final do planejamento estava satisfatória, nós não estávamos satisfeitas com nosso trabalho, pois apesar do planejamento estar todo baseado num livro de literatura infantil, haviam atividades deslocadas.

Durante a semana de docência compartilhada, nós seguimos com o planejamento e pudemos exercer pela primeira vez o papel de professoras do ensino fundamental. Apesar do curto espaço de tempo que ficamos inseridas na escola, o estágio possibilitou que refletíssemos acerca da prática docente, suas maravilhas e dificuldades. Como bem ressalta Pimenta (1995, p. 65):

Assim, a finalidade do estágio é levar os alunos a uma análise das realidades sobre as quais atuarão e também servir como fonte de experiências concretas para as discussões sobre as questões de ensino e procedimentos pedagógicos.

Por haver algumas proposições deslocadas do planejamento, nem todas as aulas ocorreram conforme o planejado, uma vez que as crianças não reagem às atividades como esperávamos. Pensamos que o desinteresse delas em participar das aulas, tenha como motivo o fato de o planejamento não estar elaborado de forma que faça sentido para elas.

Partindo da experiência que o estágio nos proporcionou, no capítulo a seguir, faremos um aprofundamento nas reflexões acerca da alfabetização e do letramento, uma vez que reconhecemos sua importância na vida dos sujeitos.

3 A ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS

3.1 O SURGIMENTO DOS CONCEITOS ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A partir da dificuldade apresentada no capítulo anterior em elaborar um planejamento para uma turma do 1º ciclo do ensino fundamental, iniciaremos uma discussão com o objetivo de refletir em que consiste o trabalho do professor alfabetizador e como alfabetizar/letrar a criança de forma que faça sentido para ela.

Antes que possamos discutir sobre alguns indícios a respeito do trabalho do professor alfabetizador, metodologias de ensino e até mesmo discutir a relação que os conceitos alfabetização e letramento possuem entre si, acreditamos ser importante refletir como se iniciaram as discussões acerca destes conceitos.

Segundo Mortatti (2006), assim como em outros países, desenvolvidos ou em desenvolvimento, o Brasil tem travado historicamente uma guerra contra o analfabetismo. No final do século XIX, com a ocorrência da Proclamação da República, foi necessário uma reformulação social para dar sustento a nova república, desta forma, a educação foi vista como um meio de formar as novas gerações capazes de administrar a nova realidade do país.

Até então, a educação não era um privilégio para todos, e na maioria das vezes era restrita ao âmbito domiciliar. Porém, com a ocorrência da Proclamação da República e com a modernização acontecendo, saber ler e escrever era imprescindível para os cidadãos, uma vez que esta condição estava relacionada à entrada no mundo moderno e ao esclarecimento desses sujeitos. Desta maneira, o ensino da leitura e da escrita, deixou de ser informal, para ser trabalhado de modo sistematizado e formalizado, necessitando assim, de profissionais qualificados.

Neste momento, a alfabetização era trabalhada com o auxílio de materiais produzidos para este fim e com a leitura e cópia de materiais manuscritos. A alfabetização era realizada fundamentalmente com os métodos sintéticos. O ensino com a utilização deste método consiste em iniciar com os nomes das letras, depois ensinar as famílias silábicas e somente quando a criança estivesse formando as palavras ela aprendia a formar frases.

A partir do início da década de 1880, a cartilha escrita pelo poeta português João de Deus, foi divulgada e adotada nas províncias de São Paulo e Espírito Santo. Com o uso desta cartilha a alfabetização acontecia a partir do método da palavração, que

consiste em iniciar do todo para a parte, ou seja, iniciava o ensino da palavra, para depois se ensinar as sílabas.

Com o novo método de ensino, em 1890 iniciou-se uma reforma da instrução pública no estado de São Paulo, assim, os professores formados a partir desta reforma começaram a defender insistentemente o método analítico. Com o apoio destes professores, o método analítico foi se institucionalizando, fazendo com que sua utilização se tornasse obrigatória nas escolas públicas paulistanas, até a ocorrência da “Reforma Sampaio Dória” (Lei 1750, de 1920), propondo a “autonomia didática”.

Mesmo que institucionalizado, o método analítico foi negado por alguns professores que reclamavam de sua lentidão no processo de alfabetização e defendiam o método sintético. Durante esta mesma época, no final da década de 1910, o termo “alfabetização” começou a ser utilizado para se referir ao ensino inicial da leitura e da escrita.

A partir da criação da “Reforma Sampaio Dória” (Lei 1750, de 1920), propondo a “autonomia didática”, muitos professores começaram a conciliar os dois tipos básicos de métodos de alfabetização, surgindo assim, os métodos mistos ou ecléticos.

Objetivando buscar soluções para as dificuldades das crianças em aprender a ler e escrever, em 1934, M. B. Lourenço Filho publicou seu livro chamado *Testes ABC para verificação a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita*. Os testes ABC continham oito provas que ajudava na classificação das crianças a partir de sua maturidade. Assim, era possível organizar classes homogêneas e otimizar a alfabetização.

Com as cartilhas sendo predominantemente baseadas em métodos mistos ou ecléticos, com a liberdade dos professores em poder escolher qual método adotar, surge uma diversidade de formas em lidar com o conceito de alfabetização e seus processos, assim como aponta Mortatti:

Vai-se, assim, constituindo um ecletismo processual e conceitual em alfabetização, de acordo com o qual a alfabetização (aprendizado da leitura e escrita) envolve obrigatoriamente uma questão de “medida”, e o método de ensino se subordina ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas. A escrita continuou sendo entendida como uma questão de habilidade caligráfica e ortográfica, que devia ser ensinada simultaneamente à habilidade de leitura; o aprendizado de ambas demandava um “período preparatório”, que consistia em exercícios de discriminação e coordenação viso-motora e auditivo-motora, posição de corpo e membros, dentre outros. (MORTATTI, 2006, p.9-10)

Com a necessidade de novas urgências políticas e sociais, em busca de solucionar o fracasso da escola em alfabetizar as crianças, no início da década de 1980 a eficácia dos métodos e o uso das cartilhas passaram a ser questionados. E foi a partir da realização de estudos construtivistas¹, que a atenção que antes era dada aos métodos passou a ser empregada ao processo de aprendizagem da criança. Visando a institucionalização das apropriações construtivistas nas redes públicas, autoridades educacionais e pesquisadores acadêmicos disseminaram através de diversos meios, pesquisas que comprovavam sua eficácia. Com o sucesso das pesquisas e esforços dos defensores do construtivismo, de fato ocorreu sua institucionalização como afirma Mortatti (2006);

De qualquer modo, nesse momento, tornam-se hegemônicos o discurso institucional sobre o construtivismo e as propostas de concretização decorrentes de certas apropriações da teoria construtivista. E tem-se, hoje, a institucionalização, em nível nacional, do construtivismo em alfabetização, verificável, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), dentre tantas outras iniciativas recentes. (p. 11)

Ainda que a história da alfabetização no Brasil se caracterize pela busca de novos elementos ou formas de se obter sucesso na alfabetização das crianças e haja valorização e institucionalização da proposta construtivista, ainda é possível observar em escolas, públicas e particulares, a resistência dos professores alfabetizadores em alfabetizar as crianças com métodos tradicionais, como o caso da professora regente da turma em que fiz o estágio.

Tendo em mente que o campo da educação é amplo e que não há uma fórmula exata para se ensinar/alfabetizar, pensamos ser importante salientar que assim como o construtivismo teve apoiadores em todo o Brasil, e diversas pesquisas foram feitas em

¹ Segundo Soares (2016), o construtivismo é um paradigma divulgado no Brasil sobretudo pela obra de Emilia Ferreiro na década de 1980. Este paradigma foi considerado, na época, uma “revolução conceitual”, se opondo aos métodos analíticos e sintéticos. Desta forma, o construtivismo não é um novo método, mas uma nova fundamentação teórica e conceitual do processo de alfabetização e seu objeto, a língua escrita. E nele o foco antes dado ao professor e sua opção por algum método de ensino passa a ser da criança e seu processo peculiar de aprendizagem.

prol deste movimento, não podemos negar que existem propostas que divergem com a proposta construtivista, como o caso da proposta histórico-cultural e até mesmo o método fônico. Entretanto, preferimos mencionar mais atentamente a proposta construtivista, pois, assim como Mortatti (2006) afirma, esta proposta está institucionalizada em nível nacional até os dias de hoje.

Partindo da compreensão de que em um mesmo momento podem ocorrer diferentes acontecimentos e que eles não são lineares, a década de 1980 pode ser considerada de grande importância para a educação brasileira, uma vez que não só os métodos e o uso da cartilha começaram a ser questionados, como também foi em 1986 que o conceito letramento apareceu pela primeira vez em uma pesquisa, no livro de Mary Kato: *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*.

Sabendo que a primeira publicação que menciona o conceito letramento é tão recente comparado ao conceito de alfabetização, talvez seja necessário nos questionarmos por que tão recentemente surgiu a necessidade desse novo termo e em que ele consiste.

Enquanto em países desenvolvidos, como o caso dos Estados Unidos e França, o analfabetismo não é mais um problema, já que sua população está alfabetizada, no Brasil, um país em desenvolvimento, o analfabetismo é um problema histórico a ser resolvido. Governos criam pactos para a erradicação do analfabetismo e pesquisas são elaboradas incessantemente em busca de solucionar este problema nacional. Entretanto, apesar dos esforços aplicados a esta causa, segundo o censo de 2010 cerca de 13.933.173 cidadãos brasileiros ainda são analfabetos.

Assim como há diferença de instrução das populações de países desenvolvidos e em desenvolvimento, o conceito letramento também é trabalhado e compreendido de forma diferente entre esses países. Nas palavras de Soares (2004, p. 6)

Nos países desenvolvidos, ou do Primeiro Mundo, as práticas sociais de leitura e de escrita assumem a natureza de problema relevante no contexto da constatação de que a população, embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita. Assim, na França e nos Estados Unidos, para limitar a análise a esses dois países, os problemas de *illettrisme*, de *literacy/illiteracy* surgem de forma independente da questão da aprendizagem básica da escrita.

Soares nos traz a compreensão de que nos países desenvolvidos o analfabetismo

não era mais um problema a ser solucionado, e que a necessidade de criar um novo termo surgiu a partir do momento em que apesar de alfabetizada, a população destes países não estava envolvida efetivamente em práticas sociais de leitura e escrita. As pessoas nessa condição, não querendo generalizar, mas exemplificando, sentem dificuldade em interpretar ou elaborar um texto, em preencher um formulário e até mesmo responder um questionário. Desta forma, podemos compreender que em países desenvolvidos o conceito letramento é compreendido e utilizado separadamente do conceito alfabetização, uma vez que a dificuldade em lidar com práticas sociais de leitura e escrita e a aquisição do sistema de escrita alfabética são tratados de forma independente, revelando a compreensão da especificidade de cada conceito.

Já no Brasil, a forma em que os conceitos alfabetização e letramento são empregados se diferencia do modo em que são aplicados nos países desenvolvidos, pois a habilidade em lidar com práticas sociais de leitura e escrita está vinculada à aquisição do sistema de escrita alfabética. E segundo Soares (2004), essa ideia de vinculação entre os dois conceitos pode ser observada na mídia e em pesquisas nacionais, como o caso do censo demográfico,

[...] no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento [...] (SOARES, 2004, p. 8)

O censo demográfico pode ser utilizado como exemplo, pois a partir da compreensão de alfabetização, até o ano de 1940 classificava como alfabetizado o sujeito que soubesse escrever seu próprio nome. E de 1950 até os dias de hoje, classifica como alfabetizado o sujeito que tem a capacidade de escrever um bilhete. Com este exemplo é possível observarmos como a compreensão a respeito dos dois conceitos é difundida, uma vez que mesmo que rudimentar, a escrita de um bilhete simples está relacionada ao conceito de letramento, já que se trata de uma prática social de escrita e não somente de apropriação do sistema de escrita alfabética.

3.2 A ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

A partir da contextualização histórica apresentada anteriormente, podemos afirmar que a educação no Brasil passou por diversos momentos de mudança, e que à medida que novas teorias vão sendo criadas, surge uma preponderância em negar as

teorias tidas como antigas. Desta forma, assim como os métodos e a utilização das cartilhas passaram a ser criticados à medida que as teorias construtivistas foram se popularizando, segundo Soares (2004) com o surgimento do letramento, a alfabetização vem perdendo sua especificidade.

Se antes o fracasso escolar em alfabetizar as crianças estava relacionado ao excesso de especificidade da alfabetização, ou seja, alfabetizar as crianças através de métodos e com textos elaborados para este fim, não atribuindo sentido para as crianças, atualmente, com a má compreensão da proposta do letramento, a alfabetização das crianças vem sendo prejudicadas devido a sua perda de especificidade.

Junto a isto, outro fator que vem sendo colocado como um motivo para a perda de especificidade da alfabetização é o enraizamento da negatização a respeito de métodos de alfabetização, uma vez que ao falarmos métodos de alfabetização relacionamos quase que instantaneamente aos métodos tradicionais de alfabetização. Entretanto, o que se defende é que há um conjunto de metodologias que o professor irá adotar e organizar para alfabetizar seus alunos, pois bem sabemos que somente o convívio efetivo com práticas sociais de leitura e escrita não é o suficiente para se alfabetizar as crianças.

Tendo a alfabetização como a aquisição do sistema convencional de escrita, o aprender a ler como processo de compreensão desse sistema e dos sentidos ocasionados por essa leitura, e o letramento como o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita, a compreensão das funções da escrita e o convívio com diferentes tipos e gêneros de textos, é importante compreendermos que estes conceitos são indissociáveis, eles precisam ser trabalhados juntos para que o alfabetizando veja sentido no que está aprendendo.

Este, talvez, seja um dos maiores saltos já dados na alfabetização das crianças brasileiras, pois se até a década de 1980 o processo de letramento não era discutido, e a alfabetização o precedia. Atualmente estes dois processos são concebidos como simultâneos, um complementando o outro. Entretanto, é importante ressaltarmos que apesar de simultâneos, estes dois processos, o processo de alfabetização e o processo de letramento, exigem metodologias diferenciadas, como aponta Soares (2004),

A conveniência, porém, de conservar os dois termos parece-me estar em que, embora designem processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos, são processos de natureza fundamentalmente diferente, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos,

que implicam formas de aprendizagem diferenciadas e, conseqüentemente, procedimentos diferenciados de ensino. (p.15)

Embora estes conceitos sejam interdependentes, indissociáveis e simultâneos, assim como afirma Soares, e que implicam formas de aprendizagem diferenciadas e procedimentos diferentes de ensino, é preciso compreendermos que o professor alfabetizador precisa reconhecer e promover a conciliação desses dois processos sem deixar de lado a especificidade de cada um, compreendendo que há uma diversidade de metodologias e procedimentos para o ensino da alfabetização e letramento.

Compreendendo isso, podemos afirmar com base na perspectiva de Soares (1985) o processo de alfabetização de crianças que recém iniciaram sua escolarização, deve respeitar aspectos psicológicos, sociolinguísticos e culturais das crianças, assim como utilizar diferentes metodologias de ensino, contemplando as diversas facetas dos conceitos alfabetização e letramento.

Apesar de estarmos afirmando que estes conceitos requerem procedimentos diferenciados, que cada um tem sua complexidade, e que devem ser trabalhados de forma simultânea, podemos nos questionar de que forma o professor alfabetizador pode contemplar todos esses aspectos em seu trabalho pedagógico.

Já sabemos que para haver efetiva aprendizagem é necessário um ensino sistematizado, e uma vez que não há aprendizagem, não podemos culpar o aprendiz, pois se tratando de uma relação de troca, se não há aprendizagem é porque a ação de ensinar está com falhas.

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que um dos protagonistas dessa relação, o professor, deve utilizar de diferentes metodologias para que seus alunos, crianças recém inseridas no meio escolar, aprendam e se desenvolvam efetivamente.

Para que isso aconteça, é importante que o aprendiz veja sentido no que está sendo ensinado, e como já comentado, este talvez seja um dos grandes benefícios que as teorias construtivistas tenha nos proporcionado. Fica mais fácil aprender o que faz sentido, o que está relacionado às nossas vivências.

Se antes se iniciava a alfabetização das crianças apresentando o alfabeto, para depois juntar as sílabas e depois escrever as palavras, agora a alfabetização das crianças se inicia, nas palavras de Gonçalves (2015, p.46), pela *vida*. Como pesquisadores da educação ou como professores, é necessário defendermos “que a aprendizagem da linguagem escrita deve se desenvolver como um processo de inserção da criança na

dinâmica das relações sociais” (VYGOTSKY, 2009 apud GONÇALVES, 2015, p.46). Para que isso ocorra, o ensino da linguagem escrita deve se iniciar a partir de uma necessidade da criança, uma atividade com importância para sua vida.

Não há como negar que vivemos em uma sociedade letrada, a escrita está em todos os lugares, na TV, em rótulos de produtos, em jornais impressos, em conversas através de aplicativos de mensagens, em textos em redes sociais, em placas e anúncios espalhados pelas ruas. A criança pode entrar na escola sem saber como se segura um lápis, sem saber qual a forma convencional de se usar uma folha de caderno, mas é impossível que ela nunca tenha tido contado com este mundo letrado.

Partindo dessa concepção, fica menos complexo elaborar um planejamento que contemple as vivências das crianças, uma vez que ela entra na escola já tendo uma concepção, mesmo que ainda superficial, de qual é a função social da escrita.

Também não podemos afirmar que as crianças não têm interesse em aprender os conhecimentos que a escola tem a ensinar. Isto é possível observar a partir de uma pesquisa que Gonçalves (2015) fez com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental,

No início de 2014, realizamos uma pequena entrevista individual com nossos alunos. Uma das perguntas propostas era “O que você gostaria de aprender?”. Foram ouvidas as seguintes respostas: “a escrever e ler”, “ciências e dever de casa”, “a estudar”, “contas”, “coisas que eu não sei”, “sobre bichos”, “letra de mãozinha dada”. Apenas uma criança respondeu “futebol” – era uma criança já alfabetizada. As crianças expressaram desejo de aprender e de aprender aquilo que a escola pode e deve ensinar. (2015, p 47)

O que muitas vezes pode ser desconhecido pelas crianças sejam talvez questões da cultura escolar, como rotinas e regras, mas a criança que inicia sua escolarização sabe que vai à escola para aprender. E é a este desejo de aprender das crianças que o professor deve aliar-se para ensiná-las de forma efetiva.

Não é necessário fazer uma entrevista com as crianças para saber em que elas têm interesse, basta ouvi-las. Sim! Ouvir o que elas têm a dizer, quais são seus anseios. Basta deixarmos que elas falem, pois elas têm muito a nos dizer.

Obviamente não se trata de deixar as crianças entregues ao espontaneísmo, para que falem durante todo o tempo que permanecer nos territórios escolares, mas sim que haja escuta por parte do professor, que este planeje e deposite sua intencionalidade nos momentos em que as crianças vão falar. Durante esse processo, as crianças também têm a oportunidade de desenvolver diálogos, podendo falar e aprendendo a ouvir.

Este processo de desenvolvimento dialógico é essencial para o desenvolvimento das crianças, uma vez que é a partir da linguagem que nos constituímos. E dialogando com as crianças temos a oportunidade de conhecê-las.

Compreendido isso, podemos apontar a importância da ferramenta metodológica: observação. Pois, é a partir dela que o professor estará atento em saber por onde começar. É na observação que o professor irá conhecer seus alunos, e a partir desse conhecimento poderá elaborar um planejamento que esteja relacionado com as vivências das crianças.

Como já relatado anteriormente, durante o estágio obrigatório eu e minha parceira de estágio fizemos observações relevantes para um bom planejamento, conseguimos captar ricos momentos de interação das e com as crianças. Nós tivemos a oportunidade de conhecê-las de forma que, apesar do pouco tempo de convívio, elas demonstravam confiar em nós.

Com base nessas observações, compomos nossos registros com o intuito de “construir uma memória, uma documentação de situações e informações importantes para a ação educativa” (FLORIANÓPOLIS, 2012, p. 6).

Após o período de observação e depois de prontos os registros, finalmente chegamos ao momento de elaborarmos nosso planejamento, e agora consigo compreender com mais clareza e sistematicamente que esse processo é de extrema importância na vida de um docente, uma vez que é a partir dele que o professor irá traçar um roteiro de como contribuir para a aprendizagem das crianças, assim como defende Ostetto:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. (OSTETTO, 2000, p. 1)

Mesmo tendo em mãos os registros elaborados por mim e minha colega, nosso planejamento não foi elaborado efetivamente a partir de nossos registros, não que este recurso metodológico seja feito obrigatoriamente com base nos registros, mas considerando que são nestes documentos que estão nossas percepções a respeito das crianças, atualmente, refletindo sobre o processo do estágio, penso que nosso

planejamento contribuiria mais para o processo de aprendizagem delas se tivesse como ponto de partida um aprofundamento nos registros.

Nesse processo de pesquisa e reflexão acerca de minhas vivências no curso de Pedagogia e no exercício de docência nos Anos Iniciais, compreendo hoje, que sim, no momento de elaborarmos nosso planejamento não tínhamos uma efetiva compreensão do que seria a alfabetização na perspectiva do letramento, não compreendíamos essa relação de efetivar na prática o que tínhamos aprendido na teoria, e mais ainda, não sabíamos como elaborar nosso planejamento de forma coerente a partir de nossos registros.

Atualmente, também compreendo com mais clareza, que se tivéssemos construído um planejamento que partisse de uma necessidade das crianças, um planejamento que partisse da *vida* delas, como defende Gonçalves (2015), nosso planejamento seria mais completo, coerente, interessante e faria mais sentido para as crianças.

A partir destas reflexões, pode-se inferir que apesar de o exercício da docência não ter se desenvolvido como idealizamos, este processo de busca pelo acerto e reflexão dos acontecimentos, permitiu que por meio de pesquisas, viesse à luz o conhecimento a respeito do complexo trabalho do professor e de que maneira é possível alfabetizar as crianças de forma que faça sentido para elas.

3.3 ALGUMAS METODOLOGIAS QUE O PROFESSOR PODE UTILIZAR PARA FAVORECER O APRENDIZADO DAS CRIANÇAS

Como vimos anteriormente, a alfabetização no Brasil passou por diversas mudanças ao longo da história, e a partir das críticas do construtivismo, os métodos tomaram um lugar negativo no que se refere à alfabetização de crianças.

Atualmente, ao falarmos de métodos, logo pensamos em cartilhas, atividades prontas e um padrão a ser seguido. Entretanto, é importante compreendermos que o problema não está no conceito, mas sim na maneira de utilizá-lo. Desta forma, entendemos como negligência do professor e do pesquisador da educação, negar o método, apoiar uma desmetodização, uma vez que aqui se compreende como método um conjunto de procedimentos que o professor irá adotar para contribuir na aprendizagem das crianças, assim como Soares defende em sua mais nova produção, afirmando que:

[...] se entende por método de alfabetização um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, que é o que comumente se denomina alfabetização (SOARES, 2016 p.16).

Compreendido o que aqui se defende como método, podemos partir para a discussão acerca de algumas possibilidades de procedimentos que o professor pode adotar em busca de alfabetizar seus alunos.

Já apontamos a importância de observar, de ouvir as crianças, de registrar e de planejar. Porém, não podemos afirmar que o trabalho docente se limita a somente esses aspectos metodológicos, uma vez mencionado que o trabalho docente é complexo abrangendo diferentes possibilidades, e que para ocorrer de forma efetiva e integral precisa acolher dimensões diversas do processo pedagógico.

Como já mencionado anteriormente, a alfabetização consiste na apropriação do sistema de escrita alfabética, a capacidade de ler e escrever mesmo que uma pequena sentença, enquanto o letramento é a capacidade efetiva e competente em lidar com a leitura e escrita em contextos sociais, mas ambos precisam ser compreendidos em relação.

Pensamos ser importante destacar novamente a necessidade de se alfabetizar as crianças em contexto das práticas sociais, pois ao iniciar o processo de escolarização a criança já presenciou, de alguma forma, o contato com o mundo da leitura e da escrita. Assim podemos afirmar, com base em Leal, Albuquerque e Moraes (2007), que mesmo que o sujeito ainda não esteja alfabetizado, ele já se deparou com diferentes gêneros textuais e diferentes maneiras de utilizá-los. Por este motivo, cabe ao professor utilizar textos reais para alfabetizar seus alunos, uma vez que para fazer sentido precisa ter relação com a vida do aprendiz. Assim, os autores nos esclarecem que:

Ao refletirmos sobre os usos que fazemos da escrita no dia-a-dia, sabemos que tanto na sala de aula quanto fora dela isso fica evidente. Qualquer cidadão lê e escreve cumprindo finalidades diversas e reais. Precisamos garantir esse mesmo princípio, ao iniciarmos os estudantes no mundo da escrita (LEAL, ALBUQUERQUE, MORAES, 2007, p. 71).

É pensando nessa perspectiva que julgamos pertinente comentarmos, mesmo que de forma breve, a importância do professor elaborar seu planejamento de forma interdisciplinar, pois a estrutura da organização do currículo, de modo geral, nos

documentos oficiais apresenta separadamente as áreas do conhecimento, e esta fragmentação pode dificultar o ensino, uma vez que, a separação dos conteúdos e conhecimentos, posteriormente, possa impossibilitar sua interligação.

Se no dia-a-dia das crianças, os conhecimentos e vivências não estão separados por conteúdos, mas sim integrados, torna-se interessante repensarmos a fragmentação do ensino, pois apesar dessa separação facilitar a organização dos conteúdos a ser mediados, pode-se aqui, refletir que provavelmente faz mais sentido para a criança aprender de forma interdisciplinar, e esta proposta pode contribuir em outros aspectos do aprendizado das mesmas, conforme é mencionado no caderno 3 publicado pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC):

Quando pensamos no Ciclo de Alfabetização entendemos a necessidade da realização de um trabalho interdisciplinar que favoreça o processo de alfabetizar letrando. Nesse período de escolarização, a criança precisa se apropriar do sistema de escrita alfabética e dos usos sociais da escrita por meio da leitura e produção de textos. Além disso, é necessário garantir outros conhecimentos para além da Língua Portuguesa, relativos aos demais componentes curriculares. Assim, um trabalho interdisciplinar pode favorecer a compreensão da complexidade do conhecimento favorecendo uma formação mais crítica da criança (BRASIL, 2015, p.7).

Partindo desta breve reflexão acerca da importância da interdisciplinariedade no Ciclo de Alfabetização, torna-se pertinente apontarmos algumas ferramentas metodológicas que o professor pode utilizar com o objetivo de favorecer a aprendizagem de seus alunos. Para isso iremos utilizar o documento oficial “Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade” (2007).

Este documento é composto por nove textos voltados para a infância e sua singularidade, o brincar como um modo de ser e estar no mundo, as expressões e o desenvolvimento das crianças, e as áreas do conhecimento e como abordá-las. Entretanto, o texto que iremos nos apoiar para esta discussão é o nono texto apresentado, intitulado “Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade” de Alfredina Nery.

O texto tem o objetivo de sinalizar possibilidades de trabalho do professor, articulando algumas concepções e sugestões didáticas apresentadas nos demais textos do documento. São apresentados em seguida quatro modalidades e exemplos, com o intuito de referenciar algumas possibilidades de organização do trabalho pedagógico. As

modalidades são: atividade permanente, sequências didáticas, projetos e atividades de sistematização.

A primeira modalidade apresentada é a atividade permanente, que consiste em um trabalho regular, diário, semanal ou quinzenal, que tem como objetivo possibilitar uma familiarização das crianças com um determinado assunto, gênero textual ou conteúdo. Assim, as crianças poderão conhecer diferentes maneiras de fazer arte, brincar, ler e escrever, podendo interagir e compartilhar suas experiências.

A partir dos doze exemplos fornecidos pela autora, é possível compreendermos que esta modalidade pode ser utilizada de diferentes maneiras e em diversos momentos, pois consiste em momentos dedicados à discussões acerca de um assunto que mobiliza as crianças, ou que elas têm curiosidade, como por exemplo, “Por que a água do mar é salgada?”.

Consiste também em momentos reservados às notícias que mais chamaram a atenção das crianças na semana, momento em que se retoma, de forma sucinta, o trabalho desenvolvido e se auxiliam as crianças no relato e na síntese do que aprenderam, momento em que se “brinca por brincar”, momento reservado para as crianças conhecerem um artista específico, e momentos em que os familiares têm a oportunidade de comparecer para interagir com as crianças, contando uma história ou participando de alguma atividade junto com as crianças (NERY, 2007).

Com os exemplos dados pela autora, pode-se pensar a articulação de diversos conteúdos, possibilitando a interdisciplinariedade, e também contribuindo para o trabalho pedagógico, já que a partir destes exemplos, o professor tem uma noção de como utilizar este recurso.

A segunda modalidade apresentada são as sequências didáticas. Elas “pressupõem um trabalho pedagógico organizado em uma determinada sequência, durante um determinado período [...]” (NERY, 2007, p. 114).

As sequências didáticas não possuem, necessariamente, um produto final como o caso dos projetos. Entretanto, o professor pode estabelecer, junto com as crianças, um produto final. Com esta modalidade é possível organizar o trabalho pedagógico de forma sequencial em um período de tempo pré-estabelecido, abordando um determinado conteúdo.

A autora cita dois exemplos de sequências didáticas em que é possível vermos como se estrutura o planejamento dessa modalidade. No primeiro exemplo fornecido pela autora explora-se as fábulas com o objetivo de trabalhar com as crianças as

estratégias de leitura. Enquanto no segundo exemplo são trabalhadas as brincadeiras, com o intuito de compreender o brincar como ação humana importante para o desenvolvimento das pessoas.

Com base nas explicações da autora e com base nos exemplos podemos afirmar que a sequência didática é uma forma de organizar o trabalho pedagógico elegendo um assunto específico a ser explorado, assim como podemos contatar na síntese elaborada por Dubeux e Souza (2012):

Em síntese, a sequência didática consiste em um procedimento de ensino, em que um conteúdo específico é focalizado em passos ou etapas encadeadas, tornando mais eficiente o processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo, a sequência didática permite o estudo nas várias áreas de conhecimento do ensino, de forma interdisciplinar (DUBEUX e SOUZA, 2012, p. 27).

A terceira modalidade de organização do trabalho pedagógico apresentada é o trabalho com projetos. O planejamento desta modalidade tem um objetivo claro, as crianças têm autonomia nas escolhas, podem interagir, refletir e pesquisar sobre o assunto escolhido e produzem textos reais para leitores reais, assim, as crianças conseguem compreender o propósito da escrita. O trabalho com esta modalidade também permite a integração de diferentes áreas do conhecimento, e as crianças também têm a oportunidade de usar de forma interativa as quatro atividades linguísticas básicas — falar/ouvir, escrever/ler.

Se o projeto é um conjunto de atividades articuladas com diferentes áreas do conhecimento objetivando um produto final, e a sequência didática também permite a articulação de diferentes áreas do conhecimento, também podendo ter um produto final, podemos nos questionar o que, basicamente, diferencia estas duas modalidades de organização do trabalho pedagógico.

Podemos compreender a diferença entre os projetos e sequências didáticas a partir da afirmação de Dubeux e Souza (2007), na qual as autoras nos esclarecem que:

Uma diferença básica entre o projeto didático e a sequência didática é que no projeto didático o planejamento, monitoramento e avaliação de todo o processo se dá de forma compartilhada, ou seja, as crianças participam da organização geral do trabalho de modo mais direto. No caso das sequências didáticas, como dito anteriormente, pode-se pensar em produtos finais, [...] mas o planejamento didático das atividades e a ordem do plano geral é centrado no professor, ou seja, é

ele quem monitora o processo todo, sabendo quais atividades articular, quais atividades vêm antes de outras e o nível de aprofundamento do conteúdo selecionado é maior (DUBEUX e SOUZA, 2012, p. 27).

Já a quarta e última modalidade apresentada chama-se atividades de sistematização, que consiste em, assim como o próprio nome sugere, atividades que o professor possa estar propondo com o intuito de sistematizar os conhecimentos das crianças ao fixarem conteúdos que estão sendo trabalhados.

Estas atividades de sistematização podem ser lúdicas como os jogos, e se tratando do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, em que a alfabetização das crianças é um dos principais objetivos, podem estar relacionadas à base alfabética da língua ou ao estudo dos gêneros textuais.

A apresentação das quatro modalidades se fizeram necessárias para visualizarmos de que forma e quais metodologias o professor pode estar adotando com o intuito de aproximar as crianças das práticas de leitura e escrita, de modo que faça sentido para elas.

Nos exemplos e nas explicações encontradas ao longo do texto é proposto que as crianças leiam e escrevam. Entretanto, podemos nos questionar de que forma podemos utilizar essas metodologias com crianças que recém iniciaram a escolarização, uma vez que muitas delas ainda não sabem ler nem escrever.

Podemos responder esse questionamento a partir da defesa de Gonçalves (20015) quando a autora afirma que, nós como professores, em busca de aproximar as crianças da leitura e da escrita, podemos permitir que elas leiam através de nossos olhos, e podemos emprestar nossas mãos para que escrevam.

De que forma podemos fazer isso? Escrevendo textos reais para as crianças enquanto elas não se apropriaram do sistema de escrita alfabética, e lendo, em diferentes momentos, não apenas textos literários, como também notícias de jornais, receitas, manuais, bilhetes e cartas.

Na conclusão de seu texto, Nery afirma que um dos aspectos positivos do trabalha com estas modalidades organizativas é a sua extrema flexibilidade. O professor pode adotar uma ou mais modalidades para se trabalhar com as crianças, e cabe a ele ir pesquisando as potencialidades dessas práticas. A autora afirma também que, são sugestões feitas em busca de contribuir para o trabalho pedagógico, e que não substituem as intenções e ações do professor, uma vez que é ele que conhece seus alunos, suas dificuldades e potencialidades.

O apontamento feito às modalidades organizativas do trabalho pedagógico, fez-se necessário a partir da necessidade de compreender de que forma o professor pode alfabetizar seus alunos de forma que faça sentido para eles. Assim, foi possível vermos de que forma essas modalidades podem estar sendo utilizadas e em que consiste cada uma delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de toda pesquisa, pude refletir sobre minha formação acadêmica, acerca do curso, suas disciplinas e em que elas consistem, acerca dos eixos do curso e sobre os estágios.

Cabe aqui esclarecer que em quatro anos e meio não é possível aprendermos tudo que se relaciona à educação, uma vez que novas teorias e novas pesquisas são produzidas a todo o tempo. Desta forma torna-se um equívoco pensarmos que durante nossa formação acadêmica iremos aprender exatamente tudo que um professor deve saber para ensinar efetivamente seus alunos.

Em uma entrevista fornecida ao programa *Entrevista* do Canal Futura, Magda Soares afirma que não é a teoria que constrói o conhecimento, e nem a prática, mas sim a interação entre essas duas coisas. Partindo dessa afirmação, pode-se dizer que mesmo que tenhamos uma densa bagagem teórica, alguns conhecimentos iremos adquirir somente com a prática, na vivência com nossos alunos.

Também não podemos pensar que nossa formação está concluída ao terminarmos o curso, uma vez que constantemente o conhecimento se altera, e precisamos, como professores, continuarmos nossa formação.

Outra questão pertinente a ser refletida nesse momento é que, assim como mencionado no primeiro capítulo, o curso privilegia de certa forma a Educação Infantil, porém não podemos desconhecer a relevância das disciplinas relacionadas a este nível de educação, uma vez que elas também contribuem para a formação do professor alfabetizador, pois é a partir delas que compreendemos as crianças como sujeitos de direitos, o que é infância, a importância de respeitá-la, a importância da brincadeira, da ludicidade e de que forma podemos contribuir para o desenvolvimento destas crianças.

Já em relação ao estágio, podemos afirmar que é um período de concretização dos nossos conhecimentos, e que é nele que vamos ter nosso primeiro contato com a prática docente. Mesmo sabendo que em meu estágio não consegui relacionar na prática os conhecimentos que adquiri na teoria, acredito que a reflexão feita depois de concluir este período também contribuiu para minha aprendizagem, uma vez que agora compreendo onde errei, e sei o que tenho de fazer diferente, ou seja, a partir dos erros que cometi em meu planejamento e na própria prática docente, tenho a oportunidade de saber em que consiste o trabalho pedagógico, o que dá certo e o que não dá certo em um planejamento e por quê. Por fim, com as leituras realizadas ao longo dessa pesquisa,

questões que me deixavam inquieta em relação à alfabetização foram solucionadas, enquanto outras referentes à educação em geral ainda não foram respondidas e, até mesmo, novas perguntas foram formuladas. E pensando nisso, torna-se necessária a defesa da importância da formação continuada, pois, compreendemos que ninguém detém todas as respostas, mas cabe a nós, formadores das próximas gerações, adquirirmos mais conhecimentos em busca de ensinar nossos alunos da melhor forma possível.

Concluiu-se que ao longo de décadas a alfabetização vem sendo discutida, diversos métodos foram criados e muitas críticas foram feitas acerca dos diferentes modos de se alfabetizar as crianças. Faz-se necessário compreender que método é um caminho com várias possibilidades, que precisa ser visto sob vários ângulos que envolvem o processo de alfabetizar. Questões linguísticas, interacionais e socioculturais precisam ser consideradas. Só iremos alcançar nossa finalidade se iniciarmos nosso trabalho com as práticas de leitura e escrita, partindo das crianças e do que faz sentido para elas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. B. C. de.; LEAL, T. F.; MORAIS, A.G. de. Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica. In: BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Organização de J. Beauchamp, S. D. Pagel, A. R. do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>>. Acesso em: jan.2011. p. 69-84

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização**. Caderno 03 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. 116 p.

DEBEUX M. H. S.; TELES R. In: Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: **planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas: ano 01, unidade 06** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012. p. 12 – 37

FISTAROL, P. M.; OLIVEIRA, K. C. **Trabalho integrado para o estágio supervisionado em Anos Iniciais**, 2016.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria de Educação. **Estratégias da ação pedagógica**, 2012. pdf

FREIRE, Madalena. Educando o olhar da observação. In: FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa..** - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GONÇALVES, Angela Vidal. Alfabetizar: por onde começar? In: GOULART, C. M. A.; SOUZA, M. (orgs.). **Como alfabetizar?** Na roda com professoras dos anos iniciais. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Portal Mec Seminário Alfabetização e Letramento Em Debate, Brasília, v. 1, p. 1-16, 2006.

NERY, A. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. In: BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Organização de J. Beauchamp, S. D. Pagel, A. R. do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>>. Acesso em: jan.2011. p. 109 – 135

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a

atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, L. E. (org.) **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil**: partilhando experiências de estágios. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995

PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, M.. As muitas facetas da alfabetização. **Cad. Pesq.**, São Paulo (52): 19-24, fev. 1985

SOARES, M.. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 25, abr. 2004

SOARES, M. vídeo. Métodos de alfabetização. .Entrevista. Canal Futura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAOXxBRaMSY> acessado em abril de 2017